

ROMMEL (Marechal). — **Memórias.** Coleção "Cartas e Memórias". Tradução de Ricardo Tavares. Editôra Aster. Impresso na Tipografia e Encadernação Primavera Ltda. Distribuidora no Brasil: Livraria Editôra Hambogaut. Pôrto. s. d. 435 pp.

Trata-se dum trágico livro de memórias daquele que foi, talvez, o maior general alemão da II Grande Guerra Mundial. Trágico, porque pela sua leitura podemos ver um verdadeiro soldado que sentia a guerra perdida para sua pátria, desesperando-se da pouca compreensão que mereciam as informações que enviava para o Q. G. de Adolfo Hitler.

No início do volume, através de páginas de memórias por êle redigidas nos seus raros momentos de repouso, através de cartas dirigidas por êle à sua espôsa e ao filho Manfredo, podemos ver o que foi a guerra de movimento iniciada contra os Aliados em maio de 1940. Verifica-se nessas páginas iniciais que não foi a superioridade em tanques e blindados, mas sim a concepção e a realização de ataques em massa e em determinados pontos que deu a vitória aos alemães. Rommel executou muito bem essas manobras, pois no início da ofensiva comandava uma divisão blindada, a 7a., e logo foi distinguido com um grande comando na África como veremos. Rommel, de acôrdo com as suas memórias, viu essa fase da guerra como profissional, como um técnico, mas aqui e acolá verifica-se a sua profunda comisseração pela população civil sacrificada pelas operações bélicas e sofrendo durante a longa retirada pelas estradas, impedindo muitas vêzes o ataque dos alemães e a defesa pelos Aliados.

Rommel, como já dissemos, sustenta que não foi a superioridade em tanques a causa primordial da vitória alemã, mas sim a concepção do ataque e como exemplo mostra a penetração das divisões **Panzer** e da infantaria motorizada na famosa Linha Maginot, neutralizando-a e tornando-a completamente inútil. Essa Linha criou no espírito do exército francês o complexo da defensiva, com tôdas as suas nefastas conseqüências, quando talvez uma ofensiva por ocasião da invasão da Polônia por Hitler pudesse mudar o curso da guerra, ou pelo menos evitar que nessa região as divisões alemãs blindadas se exercitassem.

Em seguida, vemos os dois anos de Rommel na África, onde com meios insuficientes conseguiu derrotar os ingleses e os empurrou até El Alamein no Egito. Enquanto obteve sucesso foi muito bem tratado pelo Estado Maior de Hitler, mas quando os britânicos se fortaleceram e êle teve os primeiros reveses, o famoso **Afrika Korps** foi sacrificado, pois Goering e outros mentores e generais de gabinete achavam que o teatro africano de guerra era secundário, em detrimento da frente russa, voltando assim as esplêndidas tropas de Rommel ao inevitável sacrifício. Nessas páginas vemos a luta titânica do Marechal para obter mais petróleo, munições, tanques e soldados, pois não podia contar com a infantaria italiana que lutou bem mas estava completamente desaparelhada em veículos para fazer face a uma guerra essencialmente móvel, onde grandes deslocamentos de tro-

pas tinham que ser feitos o mais rapidamente possível. Além de não ter veículos em número suficiente a artilharia italiana era obsoleta, pois contava quase que exclusivamente com canhões da guerra de 1914-1918 que tinham tido sucesso contra os líbios e etíopes, mas nada podiam fazer contra as tropas britânicas superiormente armadas e blindadas. Os tanques italianos eram também fracos em blindagem, vagarosos e artilhados com peças muito inferiores em calibre e alcance aos tanques ingleses.

Rommel queixa-se também amargamente da Armada italiana, que se refugiara nas suas bases e deixava os comboios completamente à mercê da esquadra inglesa e dos aviões da RAF com base em Malta. Nunca os transportes navais para a África foram suficientes e muitas vezes os navios descarregavam a sua carga em Benghase e não perto da frente da batalha, onde seriam de vital importância para o sucesso das armas do Eixo. Nessas páginas Rommel queixa-se do Alto Comando Alemão, do Duce que não compreendia uma guerra de movimento nas areias da África. Queixa-se também do Marechal Kesselring, representante de Hitler na Itália, por não ter este socorrido a tempo o **Afrika Korps**, nem mesmo depois do desembarque anglo-americano em Marrocos. Insiste êle por diversas vezes e rebela-se com a perda inevitável dos seus magníficos soldados, até que foi retirado da África como pessimista e derrotista, pois era assim que Goering e o Estado Maior político de Hitler o consideravam. Assistiu impotente, na Alemanha, ao sacrificio de 130.000 homens que se renderam em Tunes, quando podiam talvez ser salvos e lutar ainda na Itália. Hitler e seus generais não queriam tirar tropas e suprimentos da frente russa, por isso pereceu o **Afrika Korps**, ou talvez ainda não conseguissem fazer a Esquadra italiana sair das suas bases e efetuar uma retirada com a que fizeram os ingleses em Dunquerque.

E' interessante verificarmos a opinião que Rommel fazia dos seus oponentes na África. Respeita Wawell, mas curiosamente despreza Montgomery que considera prudente demais e que só o venceu pela superioridade em tanques e transportes motorizados. Isso é bem compreensível: elogia-se o vencido e critica-se o vencedor.

Vigiado, pois era considerado elemento pernicioso, é enviado primeiro para a Itália onde já houvera a deposição de Mussolini, depois para verificar a Muralha do Atlântico. Novamente aí choca-se com a má vontade e a completa inépcia de certos generais de gabinete, alguns dos quais tendo combatido na extensa frente russa, achavam que podiam empregar a mesma técnica contra tropas muito mais aparelhadas e adestradas, com um alto grau de mobilidade e provida de abundantíssimo material. Tanto reclamou que acabou sendo enviado para a Alemanha, aparentemente para se recuperar de um ferimento produzido pelo ataque de um avião que metralhara o seu automóvel (17 de julho de 1944). Os acontecimentos vieram lhe dar inteira razão, mais uma vez, quando da invasão do continente pelos exércitos anglo-canadense-norte-americanos.

Essa última parte de suas memórias está muito fragmentada, talvez ele próprio tenha destruído a parte que falta. Restam algumas cartas esparsas dirigidas à esposa, ao filho e a alguns amigos. A narrativa pôde ser completada com as declarações dos seus familiares e de alguns oficiais que serviram no seu Estado Maior. Parece que logo após o desastre da África e de Estalingrado, Rommel percebera que era impossível à Alemanha ganhar a guerra, mas era de parecer que se devia lutar para obter uma paz em separado com o Ocidente, talvez mesmo uma aliança para lutar contra os russos. Ele deve ter feito, ou teve conhecimento de negociações nesse sentido que fracassaram como sabemos, pois os Aliados exigiam a rendição incondicional. Aliás, esse sentimento ou esperança foi por nós encontrado entre os oficiais que se renderam à Força Expedicionária Brasileira na Itália, pois diziam eles que ficariam pouco tempo nos campos de concentração de prisioneiros, pois logo nós viríamos libertá-los para lutar contra a Rússia, coisa que julgavam inevitável.

Parece que Rommel sabia da conspiração contra Hitler e ele chama de loucos os que tentaram contra a vida do **Fuehrer** em 20 de julho de 1944, principalmente Stauffenberg. Como fôra ferido no dia 17 na França, não puderam afirmar sua participação na intontona, mas ficou fortemente suspeitado de ser simpatizante e fazer parte do grupo de oficiais de carreira que não podia se conformar em serem comandados por um ex-cabo do exército imperial do Kaiser.

Em outubro de 1944 Hitler manda eliminar Rommel, e a esse propósito temos o testemunho de seu filho Manfredo, então um jovem adolescente, mas já incorporado às forças de defesa da Alemanha, e que estava em gozo de licença em casa. Para consumir essa tragédia, Adolfo Hitler acusa o Marechal de alta-traição e envia dois dos seus auxiliares — os generais Burgdorf e Maisel — que lhe deixam a alternativa de suicidar-se com o veneno de que são portadores ou ser esmagado por resistir à prisão juntamente com a família e o seu ajudante de ordens. Forças da Gestapo já tinham cercado a casa e esperavam apenas por um sinal para intervir. Rommel parte de automóvel, juntamente com os dois generais, e bebeu o veneno, pois logo após telefonaram do hospital da Wagnerschule de Ulm dizendo que ele tivera uma síncope e morrera. Tudo isso já tinha sido combinado com os dois generais e ele dissera que assim aconteceria ao filho e ao seu ajudante de ordens, e fôra ele mesmo que quisera ser sepultado em Ulm. Assim desapareceu o maior especialista em guerra de tanques que a Alemanha teve nesta última guerra.

Este livro é um excelente documentário para aquêles que quiserem estudar esse grande conflito em que se engolfou a humanidade e cujas conseqüências ainda estamos vivendo. Recomendamos a obra, mesmo apesar de mal impressa e ter senões na sua tradução portuguesa.

E. SIMÕES DE PAULA